

O PROFESSOR ASSUME UM PAPEL E TRAZ, POR QUE NÃO, UM PERSONAGEM PARA A SALA DE AULA: DESDOBRAMENTOS DO PROCEDIMENTO *TEACHER IN ROLE* NO PROCESSO DE DRAMA

*Heloise Baurich Vidor*¹

O presente artigo discute a presença da teatralidade na metodologia do drama a partir da estratégia denominada *teacher in role* e as possibilidades para o ensino do teatro na escola. Esta estratégia, própria da metodologia do drama, foi traduzida por *professor-personagem* devido a uma razão lingüística². Entretanto, a experimentação com este procedimento nas práticas com o drama apontou para um desdobramento do mesmo no sentido de incorporar no processo personagens que mantivessem o texto dramático criado pelo autor, além de explorarem a caracterização física ou visual. Este desdobramento indica possibilidades em termos metodológicos, para a ação do professor de teatro na escola, levando a implicações pedagógicas, conforme discutirei adiante.

Para clarificar a distinção entre o *professor no papel* e o *professor-personagem*, revisarei os conceitos a partir de sua origem no contexto inglês e posteriormente apontarei as possibilidades pedagógicas que surgem quando se potencializa os elementos teatrais na estratégia e quando se associa a mesma ao ensino do teatro no contexto escolar.

I. As origens do *teacher in role*

A origem do *teacher in role* no drama inglês está relacionada ao trabalho de sua criadora Dorothy Heathcote, que introduziu uma série de procedimentos para o uso do drama no contexto curricular, como articulador de diferentes

¹Heloise Baurich Vidor é atriz, diretora teatral e professora do Departamento de Artes Cênicas da UDESC/Florianópolis na área da Pedagogia do Teatro. Mestre em Educação e Cultura pela UDESC e Mestranda em Teatro no PPGT da mesma Universidade.

²*Teacher in role* foi traduzido para o português como professor-personagem, por Beatriz Cabral, uma vez que o termo 'role', com o sentido de papel social não existe em português. Este fato dificulta a tradução do mesmo.

Entretanto como durante a pesquisa observou-se possíveis desdobramentos deste procedimento que o aproximariam da noção de personagem optou-se por assumir a tradução literal quando se refere ao professor assumir um papel social e deixar a expressão professor-personagem para quando o professor realmente traz para o processo um determinado personagem de um texto dramático, mantendo sua fala e caracterização.

áreas do conhecimento. O papel do professor no processo de drama tornou-se o objeto de pesquisa e experimentação para Heathcote, já que ela o considera fundamental neste processo. O professor adquire o *status* de organizador, facilitador, tendo responsabilidade como membro mais maduro do grupo. A originalidade do *drama* de Heathcote deve-se a sua intuitiva habilidade para traçar vários conteúdos de fontes teatrais e educacionais, organizando os vários fatores em um coerente, progressivo e teleológico processo de ensino/aprendizado. (LEWICKI, 1996)

Em seu trabalho como formadora de professores de *drama*, três questões são consideradas fundamentais: uma é o paradigma dominante na escola em que o professor atua, outro é o paradigma dominante do modo como o professor vê a criança e o terceiro é o paradigma no qual o próprio professor opera, como gerencia suas relações no trabalho. (HEATHCOTE, 1990) A partir do entrecruzamento destes paradigmas o professor consegue potencializar as possibilidades e trabalhar com as dificuldades. Esta reflexão leva a uma reavaliação da prática do professor na realização do seu trabalho.

Uma aula é sempre um encontro social e este encontro social incluirá um sistema de comunicações. Se você muda a expectativa do aluno por causa da forma que você opera o paradigma e o aluno responde a este paradigma, então você mudará o sistema de comunicação e você poderá mudar o contexto social. Quanto mais você muda isso, mais você oferece outras estratégias de aprendizado. (HEATHCOTE, 1990:32, trad. nossa)

³Rolling role: troca de papéis entre os participantes. (BOLTON *apud* LEWICKI, 1996: 125, trad. nossa)

⁴Mantle of expert: método dramático popularizado por Dorothy Heathcote que requer que os participantes se comportem como se eles tivessem conhecimento, habilidade e responsabilidade de um 'expert', por exemplo, um médico. (BOLTON *apud* LEWICKI, 1996: 125 trad. nossa)

Neste sentido, a elaboração da estratégia do *teacher in role* representa as várias possibilidades de relação do professor com o grupo de *drama* e está totalmente conectado com o fluxo de informações que emergem durante o processo, e com a comunicação das informações entre professor-aluno e aluno-professor. O *teacher in role* é, essencialmente, um facilitador da comunicação e uma oportunidade de mudança de paradigma.

Esta perspectiva de comunicação e co-operação entre o professor e o aluno fez com que Heathcote criasse, além do *teacher in role*, novas técnicas como *rolling role*³ e *mantle of the expert*⁴ para aumentar a participação e a responsabilidade da criança no *drama*.

A literatura do *drama* na educação ressalta a função pedagógica do *teacher in role* para maximizar as possibilidades de aprendizado; no entanto, não há um consenso sobre como ele é feito. (ACKROYD, 2004:136, trad. nossa) A insistência na questão da função desta estratégia tem como objetivo distinguir o *teacher in role* da atuação, ou seja, lembrar ao professor que seu objetivo não é

O professor assume um papel e traz, por que não, um... Heloise Baurich Vidor Dezembro 2008 - Nº 10

portar-se como ator diante de uma platéia e esquecer os objetivos pedagógicos que fizeram com que ele assumisse papéis e lançasse mão da estratégia. Cecily O'Neill argumenta por exemplo que “os professores quando assumem um papel nunca precisam atuar no sentido do ator, porque eles têm um diferente trabalho a fazer, uma separação de funções e que o *teacher in role* é definido pela sua função”. (O'NEILL, 1995: 32 trad.nossa).

Porém, o fato de os professores não *precisarem* atuar, no sentido do ator, não significa que eles não *possam* atuar como atores, desde que não percam de vista o contexto no qual estão trabalhando. Ackroyd (2004) afirma que os professores quando estão assumindo um papel estão atuando. A intencionalidade e os objetivos do professor são os fatores que definem ou potencializam esta proposta. Segundo a autora, há professores que se amedrontam com a idéia de estarem atuando quando assumem um papel. Assim, ao trabalhar com a formação de professores de *drama*, ela os tranqüiliza e encoraja a usarem o *teacher in role* separando-o da idéia de atuação.

De qualquer forma, assumir um papel durante as aulas de *drama* exige que o professor aceite enfrentar alguns desafios como:

1. Agir *como se fosse* outra pessoa diante dos alunos;
2. Improvisar sua fala de acordo com o que surge na relação aqui e agora;
3. Sustentar o papel, sua lógica e simultaneamente, manter os objetivos pedagógicos;
4. Aceitar o imprevisível, o acaso, mudando o rumo sempre que necessário.

Além de, segundo Neelands:

1. *Ser um ouvinte*
2. *Responder ao que é oferecido;*
3. *Incorporar as idéias dos participantes;*
4. *Controlar o tempo;*
5. *Agir como diretor do drama;*
6. *Agir como dramaturgo;*
7. *Participar na ação;*
8. *Representar um papel ou papéis.*

(NEELANDS, 1998 *apud* ACKROYD, 2004: 39, trad. nossa)

É interessante notar que o autor, ao mencionar os procedimentos do professor quando assume o papel não os relaciona diretamente ao ator. Neelands menciona as funções de diretor e dramaturgo, mas não de ator. Mas o que significa “participar na ação” ou “representar papéis” no contexto ficcional?

Quando este questionamento é relacionado ao ensino do teatro, ele aponta para a idéia de que se há na ação do professor a intencionalidade de agir como ator há também uma ampliação dos objetivos pedagógicos, envolvendo: exploração de diferentes estilos de representação, leitura/apreciação pelos alunos da representação, decodificação de signos pelos alunos, exploração da relação com o espaço. Assim, os mesmos aspectos que são analisados com a apreciação de um espetáculo profissional que é levado à escola e visto pelos alunos, dentro do conceito da pedagogia do espectador (DESGRANGES, 2003), por exemplo, podem ser discutidos a partir do exercício rotineiro proporcionado pela estratégia do *professor-personagem*, sem logicamente invalidar a proposição anterior – receber espetáculos na escola ou levar os alunos ao teatro. Este é o mote para a investigação e exploração do *professor-personagem*.

No próprio contexto inglês estas variações já foram apontadas, através da prática diferenciada dos professores de *drama*. De qualquer maneira, fica claro que cada professor pode optar pela realização do que lhe é mais confortável e produtivo quando usa a estratégia. Cecily O'Neill, apesar de receber influência direta de Dorothy Heathcote, usa a estratégia de forma minimalista e econômica. “Eu considero mais funcional apresentar uma atitude ou mostrar um ponto de vista ou uma perspectiva, mais do que um papel num drama particular, (...) um tipo de pessoa sem face, podendo ser um homem ou uma mulher.” (O'NEILL *apud* ACKROYD, 2004: 94/95, trad. nossa).

Já John O'Toole, em entrevista à Ackroyd, admite que explora a teatralidade, ou seja, potencializa os signos, em suas experiências com o teatro na educação. Quando assume um papel utiliza-se de figurinos, objetos de cena, exploração do uso do espaço e refere-se à noção de personagem dependendo do *drama* que está sendo desenvolvido. (ACKROYD, 2004: 125 trad. nossa)

Estes dois exemplos reforçam a idéia de que o *teacher in role* apresenta uma natureza multifacetada que pode ser realizada de acordo com estilo de cada professor. O importante é que ele não se distancie dos objetivos vislumbrados e que auxilie o envolvimento dos alunos com o aprendizado. Em grande parte da literatura consultada sobre o *drama* e sobre o *teacher in role* Dorothy Heathcote, além de ser sua criadora, é considerada a grande realizadora do mesmo, conseguindo conciliar de maneira ímpar os aspectos artísticos e pedagógicos. Como professora de *drama*, Heathcote teve seu trabalho comparado, em diferentes aspectos, a artistas como Grotowski, John Cage (ACKROYD, 2004), o que confirma a ressonância de sua atuação.

A seguir discuto a contextualização do *teacher in role* no Brasil, que se relaciona com o uso da estratégia no contexto do ensino do teatro, a opção inicial pelo termo *professor-personagem* e suas implicações teórico-práticas.

II. Professor no papel e/ou Professor-personagem: a imigração do drama para o Brasil e suas diferentes possibilidades

Conforme foi mencionado no início deste trabalho, a expressão *teacher in role* foi traduzida para o português por Beatriz Cabral como *professor-personagem* e definida como uma estratégia na qual o professor assume personagens durante o processo de construção de uma narrativa cênica pelos alunos (CABRAL, 2006). Segundo Cabral:

A expressão “professor-personagem” foi a tradução escolhida para a convenção inglesa “teacher in role”, justificando-se tanto pela impossibilidade de uma tradução literal, quanto pelas características que o uso desta estratégia foi adquirindo no contexto brasileiro [a autora completa numa nota de rodapé] A tradução para o contexto do teatro educação, no Brasil, centrado nos jogos teatrais (Viola Spolin) e na presença constante do espectador, vai de encontro à prática do nosso licenciado em teatro, que em geral se atém mais à caracterização do que a sua função social. (CABRAL, 2006: 19-20)

Entretanto, a partir do trabalho prático com o *drama*, realizado junto ao grupo de pesquisa em *drama*⁵, verificamos que esta tradução elimina a diferenciação que pode existir entre o *professor assumir um papel social e o professor representar um personagem*. Embora os termos tenham sido usados como sinônimos, a importância de diferenciá-los se deve à possibilidade de explorar a segunda proposta – professor representar um personagem – em termos de verificar sua viabilidade na prática da sala de aula, e seu potencial pedagógico e metodológico para o ensino do teatro.

Assim, para clarificar e redefinir os termos dentro do que estou propondo, retomo inicialmente a perspectiva inglesa, citando Ackroyd (2004): “Na literatura do *drama* na educação, os conceitos do *teacher in role* são muitas vezes associados com papéis sociais.” (ACKROYD, 2004:7, trad. nossa). Ao utilizar-se da estratégia do *teacher in role*, o professor assume um papel social e com isso estimula a discussão que este papel levanta entre os participantes, em termos de comportamento e suas implicações éticas ou conscientização de outra realidade que não a sua própria.

⁵Grupo de Pesquisa: Pedagogia do Teatro e Teatro como Pedagogia - coordenado pela Professora Dra. Beatriz Cabral./Projeto Arte na Escola Pólo UFSC /Florianópolis.

Na prática, o professor diz que é determinada pessoa, mantém a coerência lógica deste papel social escolhido somente com a formulação do discurso e sua oralização. O texto criado e oralizado pelo condutor, de forma improvisada, aproxima o mesmo de um dramaturgista, na medida em que este constrói os diálogos a partir da relação criada, *aqui e agora*, com o participante, e não fechado em um gabinete. De qualquer maneira, o foco está potencializado no *o quê* está sendo dito, na função deste discurso para o desenvolvimento da narrativa, e menos no *como* está sendo dito, sem objetivos cênicos.

Entretanto, na prática, a relação com a questão cênica, no contexto inglês, também não é tão paralela e aponta para o possível desdobramento do *papel* para o *personagem*. Ackroyd (2004) relata que quando representou o papel de uma menina que tinha medo de ir para a neve por causa de um acidente ocorrido há alguns anos, criou a personagem Suzie, uma menina que tinha a habilidade de evitar questionamentos referentes a seus medos. E diz: “Quando eu atuei neste papel, eu estava certa de que eu precisava criar um personagem. Ela não é apenas uma menina pequena, ela é Suzie, como Masha é Masha, um personagem individual num contexto particular.” (ACKROYD, 2004:67, trad. nossa) Diferente de O’Neill, que prefere papéis sem face, neste caso Ackroyd propõe uma individualidade que se define por detalhes na caracterização. E prossegue dizendo que entende o termo personagem a partir da semiótica, que o define como: “Um personagem é nem mais e nem menos do que um conjunto de signos. E estes signos são variáveis, uma vez que são determinados pelo ator no contexto de produção” (ACKROYD, 2004:67/68, trad. nossa).

A noção de papel e personagem, relacionado ao trabalho do ator, tem em Stanislávski sua forte referência, na medida em que este autor dedicou-se a sistematizar procedimentos de atuação, identificando separadamente os campos da criação do papel e da construção de personagem. Em sua obra *Criação do Papel* (1984), o autor refere-se ao processo de entendimento do contexto da ficção e das circunstâncias dadas. Em a *Construção da Personagem* (2000), o autor focaliza a caracterização física do personagem.

Assim, para a criação de um papel é necessário que haja um período de análise das circunstâncias dadas pelo autor do texto dramático, ou seja, a criação do contexto da ficção, a avaliação dos fatos e a criação do discurso do papel, para depois, numa segunda etapa, partir para a construção de física. Quando se refere à construção física, exterior, Stanislávski utiliza o termo ‘personagem’. Para a construção do personagem, seja ele qual for, é necessário que o ator trabalhe na caracterização exterior, na plasticidade dos movimentos, nas entonações, na expressividade das palavras, no tempo-ritmo. (STANISLAVSKI, 2000).

As convenções do *professor no papel* e do *professor personagem* correspondem a estas etapas identificadas por Stanislávski. Podemos entender que o *professor no papel* focaliza a primeira etapa, que concentra o desenvolvimento das circunstâncias dadas e criadas pelo autor ou pelo pré-texto criado pelo professor. E o *professor-personagem* abarca as duas etapas, pois sua composição exige que o professor estude o texto dramático, compreendendo as circunstâncias e objetivos do personagem dentro do mesmo para fisicalizá-lo. Porém, no momento de intervenção no processo de *drama*, eles são independentes, ou seja, uma estrutura de drama pode ter o *professor no papel* em determinado episódio, e o *professor representando um determinado personagem* em outro momento.

Patrice Pavis (2001) apresenta uma definição para o termo papel que, apesar de ser colocado como sinônimo de personagem define o tipo de personagem - ou personagem tipo - e ajuda a esclarecer a opção inglesa pelo termo:

Enquanto tipo ou personagem, o papel está ligado a uma situação ou uma conduta geral. Ela não tem característica individual alguma, mas reúne várias propriedades tradicionais e típicas de determinado comportamento ou determinada classe social (papel de traidor, de homem mal). (PAVIS, 2001: 275)

Esta idéia do papel como comportamento de uma determinada classe social vai de encontro ao aspecto relacionado à função e ao *status* do papel que o professor assumirá.

Assim, parto de três constatações para especificar os dois termos *professor no papel* e *professor personagem* e justificar a necessidade de um estudo mais aprofundado da segunda possibilidade:

1. A prática do *teacher in role*, no contexto inglês, apresenta variações que vão do uso exclusivo do papel até a incorporação de aspectos do *professor-personagem*, sem, no entanto, usar esta expressão.
2. A utilização da metodologia do drama no Brasil se dá nas aulas de teatro, o que fez com que Cabral (2006) optasse por traduzir *teacher in role* por professor-personagem. Esta expressão contribuiu para a inserção da estratégia ao universo do teatro.
3. A expressão *professor-personagem* abarca dois procedimentos que, como vimos, são diferentes ou, no mínimo, complementares.

Em função destas colocações, proponho que a tradução se mantenha literal *teacher in role - professor no papel* - e que o termo *professor-personagem* seja preservado para definir um procedimento específico, potencialmente interessante para a aquisição de

linguagem teatral no contexto escolar. Como no contexto escolar brasileiro o *drama* está sendo utilizado dentro das aulas de teatro, o desdobramento do *professor no papel* para o *professor personagem* emerge automaticamente e leva à potencialização dos elementos teatrais sempre que possível. Chega-se assim ao questionamento principal: qual é a diferença fundamental do *professor-personagem* em relação ao *professor no papel*?

O *professor-personagem* dá ênfase à caracterização, cria um discurso condizente com as circunstâncias do personagem em termos de época, nacionalidade, ideologia, criando assim uma individualidade, enunciando o texto literal de um autor seja ele dramático ou não. Durante o processo do *drama* este personagem interage nas improvisações do grupo, mantendo, porém, sua postura física e ideológica a fim de permitir o desenvolvimento de uma contra-argumentação pelo grupo. O professor vai refinar a caracterização em termos físicos, sonoros, visuais, mantendo assim a idéia de construção de personagem, um personagem determinado que possa ser trazido em diversos momentos do processo.

Esta é, sem dúvida, uma tarefa que exige mais elaboração por parte do professor, mas que, se ele tem a intenção e o desejo de resgatar sua prática como ator, poderá sentir-se fortemente gratificado e estimulado, além de provocar um forte impacto nos alunos, já que esta proposta apresenta-se como sendo de maior radicalidade estética na relação com o participante e em termos pedagógicos, oportuniza a ampliação da linguagem teatral – estilo de representação, relação do ator com o espaço cênico, caracterização em termos do trabalho do ator e em termos da indumentária utilizada, contato com textos dramáticos.

III. Considerações finais

Apesar de constatar a forte influência de Heathcote no desenvolvimento da metodologia do drama e de lançar mão de uma de suas estratégias de ensino para explorar as possibilidades de trazer o teatro para a sala de aula, minha proposta de explorar o *teacher in role* visa o reforço da teatralidade e da aquisição da linguagem teatral pelo aluno, diferenciando-se da ênfase que Heathcote dá ao aspecto educacional.

Estas diferentes abordagens confirmam as várias possibilidades de exploração da estratégia do *professor-personagem*, e reforçam a idéia de que, segundo Tadeu Lewicki:

[Dorothy Heathcote] não quis transferir suas habilidades pessoais para os estudantes ou para outros professores, mas ela estava convencida que todos são capazes de desenvolver suas próprias habilidades a fim de produzir uma metodologia individual. Seu objetivo como uma praticante de drama e professora universitária não foi produzir outras 'Heathcotes', mas mostrar e explicar como o drama funcionou e como todos os professores poderiam adotá-lo em suas aulas.
(LEWICKI, 1996: 68 trad. nossa)

Assim, em linhas gerais, os aspectos que o *professor personagem* acrescenta ao *professor no papel* são: interação dos alunos com alguém de fora, alguém de outra cultura, de outro lugar e de outro tempo; utilização de fragmentos de texto no processo; exploração da caracterização e dos aspectos teatrais, em termos de voz e gestos, expressão corporal / vocal e estrutura cênica. Os personagens são introduzidos pelo professor, que mantém o texto dos mesmos, seus argumentos e pontos de vista. Este procedimento possibilita que, além de trabalhar o texto como pré-texto, os fragmentos do mesmo sejam introduzidos pelo professor no processo, via *professor-personagem*.

Neste sentido, a distinção dos dois conceitos – *professor no papel* e *professor-personagem* – amplia as alternativas metodológicas do drama no contexto escolar e abre espaço para a intensificação da sua dimensão teatral, ao mesmo tempo em que dá liberdade ao professor tanto para desenvolver e explorar o **seu** modo particular de fazer, quanto de colocar-se como co-artista do processo.

Referências Bibliográficas

- ACKROYD, J. *Role Reconsidered – a re-evaluation of the relationship between teacher in role and acting*. Staffordshire, Trentham Books Limited, 2004.
- CABRAL, B. A .V. *Drama como Método de Ensino*. São Paulo, Ed. Hucitec, 2006.
- DESGRANGES, F. *Pedagogia do Espectador*. São Paulo. Hucitec, 2003.
- HEATHCOTE, D. *The Fight for Drama – The Fight for Education – Keynotes speeches by Edward Bond & Dorothy Heathcote*. From the NATD Conference October 1989. Edited and introduce by Edward Bond. Newcastle upon Tyne, National Association for Teaching of Drama, 1990
- LEWICKI, T. *From ‘play way’ to ‘dramatic art’- A histotical survey about ‘drama in education’ in Great Britain*. Roma. Libreria Ateneo Salesiano, 1996.
- O’NEILL, C. *Drama Worlds – a framework for process-drama*. Portsmouth. NH. Heinemann, 1995.
- PAVIS, P. *Dicionário de Teatro*. SP. Perspectiva: 1999.
- STANISLAVSKI, C. *A Construção da Personagem*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.
- _____. *A Criação do Papel*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984.